

O trabalho para as pessoas mais pobres do Brasil

Dalila Varela Singulane¹ 

Marcus Vinicius Reis² 

O trabalho para a grande maioria das pessoas do mundo significa expropriação e exploração máxima de sua força física e mental. Isso porque o sistema econômico que impera desde o século XVI funciona fundamentalmente em prol da produção sistemática da desigualdade a fim da acumulação de capital pelas classes dominantes. Isso quer dizer, essencialmente, que é impossível que haja, ao mesmo tempo, capitalismo e igualdade entre os grupos humanos – e por igualdade, entende-se que o conceito em seu ideal, isto é, todas as pessoas desfrutando de todos os recursos disponíveis de forma positiva e coletiva, sendo o trabalho apenas uma forma de se produzir tais experiências e não um objetivo ou única forma de ser e sobreviver durante os anos de vida.

Longe dos ideais de coletividade, o capitalismo se configura pela exploração total de alguns grupos humanos por outros, sendo que desde seus primórdios é esse modo de operação que vemos, uma vez que foi a escravização de populações africanas e ameríndias que proporcionou seu crescimento e acumulação de riquezas pelas nações europeias. Ao longo desses mais de quatro séculos, o capitalismo se rearranjou frente a revoluções populares e novos anseios dos donos dos meios de produção, mas manteve o padrão de exploração violenta do trabalho, sobretudo, das pessoas não brancas.

O contexto brasileiro é ainda pior, visto que foi a última nação a abolir a escravidão, a herança colonialista se manifesta em nosso cotidiano nas relações sociais, econômicas e, principalmente, nas relações de trabalho, nas quais a exploração máxima dos trabalhadores é uma máxima do patronato.

¹ Mestra em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Editora da Revista Escritas do Tempo.

² Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST-Unifesspa). Editor da Revista Escritas do Tempo.

Com um salário-mínimo nacional insuficiente, o trabalhador trabalha apenas para sobreviver com o mínimo possível, vivendo em insegurança alimentar e sempre no endividamento, cenário que foi intensificado pela pandemia de Covid-19.

Assim, mesmo que o Brasil garanta direitos mínimos para a seguridade do trabalhador através do trabalho formal, a lógica neoliberal que impera na atualidade descredibiliza esse tipo de emprego para beneficiar o empreendedorismo, que nada mais é que a forma atual de exploração máxima e sem garantias para o trabalhador. A promessa que o pensamento liberal faz hoje aliado ao capitalismo ainda é a mesma: liberdade. Mas liberdade pra quem e pra que é a pergunta que permanece, pois a liberdade é um ideal e no capitalismo isso significa coisas diferentes a depender da classe que você pertence. Para os ricos, a liberdade de viver e desfrutar das melhores coisas disponíveis, bem como a livre destruição do planeta. Para os pobres, a liberdade de ter 2 ou 3 empregos para garantir a mínima sobrevivência sua e de sua família, bem como viver o resultado da exploração do planeta pelos mais ricos, em enchentes, deslizamentos de terra e morte pela lama das barragens.

O trabalho para as pessoas mais pobres significa a sobrevivência e o adoecimento. Enquanto países europeus discutem jornadas de quatro dias, nós vivemos a realidade de escalas 6x1. A discrepância entre realidade em um mesmo espaço-tempo potencializa as violências, levando ainda mais sofrimento ao povo pobre, que na busca por uma vida melhor, vê seus filhos morrerem na mão de policiais e suas filhas na prostituição.

Diante dessas reflexões, o novo número da Escritas do Tempo é uma contribuição para repensarmos nossas relações de trabalho e como o Brasil ainda opera com a lógica colonial. A partir do dossiê intitulado *Trabalho Escravo Contemporâneo: discussões acadêmicas e políticas públicas no século XXI*, esperamos que a justiça social, a partir da distribuição de renda e do respeito aos direitos trabalhistas, seja feita todos os dias até que a primavera chegue.

Boa leitura!